



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA.
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC.
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO.
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
EDUCAÇÃO ESCOLAR.

JÉSSICA NASCIMENTO SILVA

**FAMÍLIA, GÊNERO E SEXUALIDADE EM SALA DE AULA:
ABORDAGENS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL**

Campina Grande - PB

2018

JÉSSICA NASCIMENTO SILVA

**FAMÍLIA, GÊNERO E SEXUALIDADE EM SALA DE AULA:
ABORDAGENS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar da Universidade Estadual da Paraíba à exigência para obtenção do título de especializada em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar.

Profa. Orientadora: Dra. Patrícia Cristina de Aragão

Campina Grande - PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586f Silva, Jéssica Nascimento.
Família, gênero e sexualidade em sala de aula
[manuscrito] : abordagens na literatura infanto juvenil / Jéssica
Nascimento Silva. - 2018.
44 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano
e Educação Escolar) - Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão ,
Departamento de Educação - CEDUC."
1. Relações de gêneros. 2. Educação escolar. 3. Literatura
infantojuvenil. I. Título
21. ed. CDD 401.41

**FAMÍLIA, GÊNERO E SEXUALIDADE EM SALA DE AULA:
ABORDAGENS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL.**

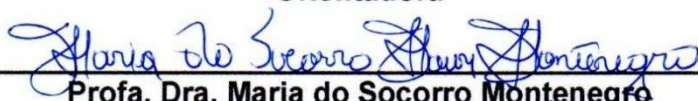
JÉSSICA NASCIMENTO SILVA

Aprovada em 08/05/2018

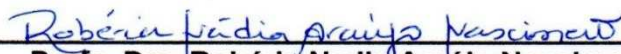
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar da Universidade Estadual da Paraíba à exigência para obtenção do título de especializada em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar.



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão
Orientadora



Profa. Dra. Maria do Socorro Montenegro
Examinadora



Profa. Dra. Robéria Nadia Araújo Nascimento
Examinadora

CAMPINA GRANDE – PB

2018

Dedico este trabalho aos meus pais José Valentim da Silva e Regilene do Nascimento Silva, por sempre orientar e apoiar minhas decisões. Dedico também à minha Professora Orientadora Patrícia Cristina de Aragão Araújo e aos professores do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar.

AGRADECIMENTOS

O percurso do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar da Universidade Estadual da Paraíba não foi um caminho simples, mas a qualidade dos debates realizados em sala de aula, o trabalho pedagógico de mediação de conhecimentos realizado pelos professores e pelas relevantes inquietações que nos causaram, nos levaram a (re)construir alguns conceitos sobre a educação escolar que trazíamos conosco, nos levando a compreender que a Educação Escolar e o Desenvolvimento Humano andam de mãos dadas.

Dessa forma, compreendemos que os caminhos pedagógicos percorridos pelos professores são sempre permeados por novas experiências e desafios, colocando-nos em constante movimento de atualização ao pensar, questionar, repensar, pesquisar e produzir sobre a educação. Com essa síntese do determinado Curso de Pós-Graduação justifico a sua importância na minha formação profissional e início meus agradecimentos.

Agradeço primeiramente à Deus, pois não há ninguém que impeça o agir de Deus a favor dos que nele confiam. Sou eternamente grata aos meus pais por ensinarem-me a real importância, o valor e o significado do viver a vida e lutar pelo que se deseja, procurando sempre fazer da melhor forma possível o que tanto se ama, sempre colocando à frente de tudo fé em Deus, o amor a família e o respeito a todos.

Agradeço também às professoras Dra. Maria do Socorro Montenegro e Dra. Robéria Nadia Araújo Nascimento, que aceitaram a compor a banca examinadora de meu trabalho de conclusão de curso, se disponibilizando a avaliar minha pesquisa.

Além de agradecer, parabeno minha Professora Orientadora Dra. Patrícia Cristina de Aragão, pela excelente orientação dada ao meu trabalho, que aborda uma questão temática que gera várias polêmicas, mas que é essencial discutir sobre ela e desenvolver práticas pedagógicas para abordá-la em sala de aula.

Por fim, agradeço a todos os professores e colegas do curso, por contribuir com discussões e debates inspiradores para minha aprendizagem e formação como professora que faz diferença positivamente na sociedade.

“A professora e o professor podem fazer muito para mudar a situação de desigualdade na escola a partir de sua prática pedagógica cotidiana, estimulando meninos e meninas a experimentarem as mesmas atividades, a desenvolverem as mesmas habilidades e a compartilharem suas descobertas, superando as diferenças individuais supostamente baseados no sexo. Através da educação não-sexista de crianças e jovens, a professora e o professor estarão criando um novo modelo de Educação e de sociedade.” (SOUSA, 2003, p.15).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a obra literária “A Bolsa Amarela” da Literatura Infantojuvenil, obra da autora Lygia Bojunga, como recurso pedagógico para abordar discussões sobre as temáticas família, relações de gêneros, corpo e sexualidade em sala de aula, visando uma escola não favorável a reprodução e perpetuação de preconceitos e violência à respeito das temáticas citadas. Sabendo que tais discussões nos dias atuais ainda são consideradas *tabu* na nossa sociedade, por meio deste estudo, chamamos atenção para a relevância de discutir sobre estas questões com as crianças e adolescentes na escola, pois estas assumem função importante a esse respeito. Metodologicamente, privilegiamos a pesquisa bibliográfica e documental de caráter qualitativo, se tratando de um estudo que explora teoricamente possibilidades de problematizar e discutir sobre família, relações de gênero e sexualidade na escola, propondo uma prática pedagógica que possibilite a ampliação e transformação das ações dos sujeitos e das práticas de ensino/aprendizagem. Para tanto, temos como aporte teórico Bourdieu (2012), Foucault (1985), Louro (2003 e 2007), Souza (2005), entre outros, os quais abordam em suas teorias discussões sobre conceito de corpo, gênero e sexualidade, e também fala sobre o processo de letramento literário e sua importância para o ensino, apresentando análises que evidenciam um debate contemporâneo na educação a respeito do ensino de gênero e sexualidade. Portanto, o livro de Lygia Bojunga, “A bolsa amarela”, favorece a abordagem e a possibilidade de um trabalho pedagógico que viabiliza, por uma linguagem sutil e de equidade voltada para a criança, discussões relacionadas as questões de relações de gênero, corpo e sexualidade em turmas de alunos dos anos finais do ensino fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de gêneros; Educação Escolar; Literatura infantojuvenil.

ABSTRACT

This work has the general objective to analyze the literary work "*A Bolsa Amarela*" (literally translated as The Yellow Handback) from Child and Teenager Literature, a work from the author Lygia Bojunga, as a pedagogical source to bring discussions of family, gender relations, body and sexuality in classroom from the last years of Elementary School. Looking for a school that is not propitious for reproduction and perpetuation of prejudice and violence about the themes mentioned. Knowing that these discussions in the current days are still considered taboos in our society, through this study, we call attention to the relevance of talk about these subjects with children and adolescents at school, because they get an important role about these themes mentioned before. In our Methodology, we made important the bibliographic and documentary research of a qualitative nature, bringing a study that in theory explores the possibilities of problematizing and discussing the family, gender relations and sexuality at school, purposing a pedagogical practice that makes possible the amplification and transformation of the students and teaching/learning practices. However, we have as theory background Bourdieu (2012), Foucault (1985), Louro (2003 and 2007), Souza (2005), among others, who talk in their theories the concept of body, gender and sexuality, and also talk about the process of literary literacy and its importance for teaching, presenting studies that make evident a contemporary debate in education regarding gender and sexuality teaching. Therefore, Lygia Bojunga's book, "*A Bolsa Amarela*", makes the approach and possibility easier of a pedagogical work that enables, through an easy language with equity for children, discussions of gender issues, body and sexuality in students' classrooms from the last years from elementary school.

KEY WORDS: Gender relations; School Education; Child and Teenager Literature.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----------|
| Figura 1 – A vontade de escrever | 34 |
| Figura 2 – Afonso e o guarda-chuva | 38 |
| Figura 3 – Terrível..... | 38 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1: GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA QUESTÃO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA | 16 |
| Concepção de gênero, corpo e sexualidade no contexto da educação..... | 16 |
| O lugar da família e o debate sobre gênero e sexualidade na escola | 21 |
| 2: A PRODUÇÃO DA LITERÁRIA INFANTOJUVENIL DE LYGIA BOJUNGA E O CONTEXTO DA SALA DE AULA | 26 |
| Vida e obra de Lygia Bojunga..... | 26 |
| A literatura Infantojuvenil e o contexto da sala de aula..... | 27 |
| 3: GÊNERO, FAMÍLIA E SEXUALIDADE UMA ABORDAGEM EM “A BOLSA AMARELA” DE LYGIA BOJUNGA | 33 |
| As relações de gênero e sexualidade na obra A Bolsa Amarela | 33 |
| As implicações do debate sobre gênero e sexualidade da obra A Bolsa Amarela para a sala de aula..... | 39 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 41 |
| REFERÊNCIAS..... | 43 |

INTRODUÇÃO

Um olhar atencioso para nossa sociedade, podemos observar novas estruturas familiares, diversidade de gêneros e sexualidades que foram se constituindo ao longo do tempo. Dessa forma, também percebemos que ainda existe preconceito sobre concepção de família e sobre as relações de gêneros, que são reflexos da ideologia sexista ao concebê-los.

Falar de tal temática nos dias atuais ainda é considerado um *tabu* na nossa sociedade, principalmente pela família. Logo, pela importância e necessidade de discutir essa questão com as crianças e adolescente, a escola assume função importante a esse respeito.

Na sociedade existem pessoas com identidades sexuais diferentes do “heterossexual”, e identidades de gêneros diferentes do “masculino” e “feminino”, como comumente concebidos, e que estão se expressando de diversas formas socialmente, tanto dentro como fora dos ambientes escolares.

Neste sentido, este estudo justifica-se pela necessidade de (re)pensar as práticas pedagógicas, desenvolvendo-as de modo que sejam viabilizadas condições de problematização e discussão sobre a concepção de família, gênero, corpo e sexualidade em sala de aula.

Por essa perspectiva, nesta nossa pesquisa, temos como problemática o seguinte questionamento: como a escola, através da prática pedagógica viabilizada pela Literatura Infantojuvenil, pode propiciar o debate das discussões a respeito de família, relações de gêneros e sexualidade por uma perspectiva não sexista, no contexto sala de aula dos anos finais do ensino fundamental, viabilizando no ambiente escolar a inclusão e o respeito a diversidade de gêneros?

Considerando que a noção de família, a concepção e relações de gêneros, corpo e sexualidade são construções sócio-históricas e culturais, a referente questão nos leva a apoiar que a escola tem importância como *lócus* de convivência cultural, respeito e valorização da diversidade, tendo o propósito de ensinar/aprender a condição humana, assumindo o lugar de legitimação de combate aos preconceitos de gênero, sexo, etnia, religião, entre outros. Por isso, torna-se relevante que essa instituição de ensino realize um trabalho pedagógico que aborde questões de família, gênero, corpo e sexualidade.

Seguindo a linha de reflexão dessa questão, nossos estudos se situam no campo de ensino de leitura literária, refletindo sobre a “Escolarização” adequada da literatura, buscando fornecer subsídios teóricos metodológicos para auxiliar a prática pedagógica dos professores no ensino de leitura de textos literários discutindo a temática abordada, explicitando o papel humanizador que a literatura possui, evidenciando-a como construção de objetos autônomos com estrutura e significado, sendo uma forma de expressar as emoções, e percebendo-a como forma de conhecimento.

Assim sendo, neste trabalho, temos como objetivo geral analisar a inclusão da literatura infantojuvenil de Lygia Bojunga como abordagem pedagógica nas discussões sobre família, relações de gênero e sexualidade em sala de aula, por meio da obra da autora intitulada “A bolsa amarela”.

Temos como objetivos específicos: discutir sobre a importância da escola nesse processo de ensino/aprendizagem; e propor uma prática pedagógica com a inclusão da referida literatura em sala de aula, que garanta vivências positivas com as diferenças, visando uma escola menos favorável a reprodução e perpetuação de preconceitos e violências a respeito da temática aqui tratada.

Essa obra literária foi escolhida como objeto de análise de nossa pesquisa porque é constituída de uma linguagem sutil, acessível e fantasiosa, compondo um enredo que engloba o universo infantil, abordando questões que giram em torno do conceito sobre família, as relações de gênero e sexualidade na infância, possibilitando uma discussão que retrata e aproxima a realidade histórica, social e cultural que muitos viveram e que ainda vivem ao tratar sobre tal temática em abordagem.

A partir da referente obra literária apresentamos uma proposta de abordagem pedagógica que viabilize aos professores, através de uma linguagem voltada para a criança, a desmistificação das concepções sócio-historicamente construídas sobre o abordado tema, uma vez que, a narrativa da obra nos mostra que a protagonista da história (Raquel) enfrenta um conflito em busca de sua identidade enquanto gênero feminino, evidenciando no percurso os obstáculos que são enfrentados para que ela possa compreender quem ela é e quem ela pode ser, respaldando as discussões sobre família, gênero e sexualidade.

Para discorrer sobre isso, temos como aporte teórico: Bourdieu (2012), abordando a teoria sobre *A dominação masculina*, analisando a construção naturalizada do gênero como *Habitus sexuado*; Foucault (1988), Souza (2005) e

Meyer (2003), os quais defendem o conceito de gênero e sexualidade como construção identitária, compreendendo ambos como construção sócio-histórica e cultural; Louro (2003 e 2007), evidenciando o conceito sobre família, corpo, gênero e sexualidade dentro de discussões contemporâneas na educação; Sousa (2005), com abordagem sobre gênero e sexualidade nas pedagogias culturais; entre outros.

Metodologicamente, neste nosso trabalho é privilegiada a pesquisa bibliográfica e documental de caráter qualitativo, se tratando de um estudo que exploratório, onde utilizamos de artigos, obras que se referem a temática trabalhada, em que teoricamente apresentamos a possibilidade de problematizar e discutir sobre o ensino de gênero e sexualidade na escola, propondo uma prática pedagógica que possibilite a ampliação e transformações das ações dos sujeitos e das práticas de ensino/aprendizagem, utilizando como instrumento de pesquisa e análise o livro “A bolsa amarela”, da autora Lygia Bojunga, na perspectiva da literatura infantojuvenil.

Para tanto, para nossa fundamentação teórica, foram realizadas leituras e fichamentos de textos que diz respeito ao conceito de família, corpo, gênero e sexualidade na educação, história da sexualidade e discussões acerca da teoria sobre letramento literário, além de serem realizadas pesquisa biográfica sobre Lygia Bojunga nos endereços de sites de pesquisa <https://www.ebiografia.com> e <https://enciclopédia.itaucultural.org>. Para construção e análise do corpus selecionamos o livro “A bolsa amarela” da literatura infantojuvenil de Lygia Bojunga.

Os estudos resultados de nossa pesquisa apresentam-se neste trabalho em três capítulos, considerações finais e referências.

No Capítulo 1, intitulado como **Gênero e sexualidade: uma questão de construção identitária**, apresentamos a concepção de gênero, corpo e sexualidade no contexto da educação, o lugar da família e o debate sobre gênero e sexualidade na escola.

No Capítulo 2, cujo título é **A produção da literária infantojuvenil de Lygia Bojunga e o contexto da sala de aula**, abordamos a vida e obra da autora Lygia Bojunga, discorrendo sobre a importância da sua escrita para a Literatura brasileira, e discutindo sobre a importância da Literatura Infanto-juvenil no contexto da sala de aula.

No Capítulo 3, intitulado **Gênero, família e sexualidade uma abordagem em “a bolsa amarela” de Lygia Bojunga**, proporcionamos a análise do livro **A Bolsa Amarela** escrito pela referente autora, evidenciando as relações de gênero e

sexualidade na determinada obra literária e as implicações do debate sobre gênero e sexualidade da leitura desse livro para a sala de aula. Por fim, colocamos nossas considerações sobre o estudo e apresentamos as referências bibliográficas que nos serviram como aporte teórico.

1. GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA QUESTÃO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.

Atualmente vivemos em um momento histórico marcado pela pluralidade e diversidade cultural, diante deste contexto, torna-se importante discutir no espaço escolar questões que fazem parte da realidade social e que, entretanto, ainda permanecem distantes da escola, tais como o debate em torno de gênero, corpo e sexualidade.

Neste capítulo, para discutirmos sobre o conceito de gênero e sexualidade, partimos do pensamento de Foucault (1988) sobre a forma de conceber a sexualidade, interligando sua teoria com a concepção de gênero e sexualidade apresentada por Souza (2005) e Meyer (2003), os quais defendem o conceito de gênero e sexualidade como construção identitária, compreendendo ambos como construção sócio-histórica e cultural.

Concepção da identidade de gênero, corpo e sexualidade no contexto da educação.

O filósofo francês Michel Foucault, desenvolvendo estudos genealógicos que enfatizavam os jogos de poder no desenvolvimento do discurso na sociedade, escreveu uma narração histórica não-linear, que serve como ponto de partida para compreendermos parte da genealogia do sujeito: a sexualidade. O autor dividiu o tema em uma trilogia intitulada **História da sexualidade**, na qual a primeira obra fala da “Vontade de saber”, a segunda “O uso dos Prazeres” e a terceira do “Cuidado de Si”. Chamamos atenção ao livro de Foucault (1988) intitulado a **História da Sexualidade**

1: Vontade de saber, onde o autor aborda uma discussão sobre a fase de repressão sexual que vem sendo vivida desde o século XVIII pela sociedade ocidental, em que o sexo se reduz à sua função reprodutora e o casal passa a ser o “modelo”. O que não se encaixa nesse conceito torna-se “amor mal” é expulso, recusado e comprimido ao silêncio.

Foucault (1988) inicia a sua argumentação abordando a imagem da moral vitoriana, com uma sexualidade contida, silenciada, hipócrita, na qual a família conjugal incita o silêncio ao sexo. Enxergamos, assim, a existência de um puritanismo

moderno, com sua interdição, inexistência e mudez. Dessa maneira, o autor chama a atenção para uma possível lógica da interdição das crianças para falar sobre sexo, mas alerta: é necessário ir além do discurso científico para melhor articular poder, saber e sexualidade, uma vez que não se estava apenas constatando a repressão, mas afirmando-a com vigor.

Foucault (1988) chama essa forma de repressão de **hipótese repressiva**. Essa “hipótese repressiva” ocasiona uma pregação: a afirmação de uma sexualidade reprimida que é acompanhada de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo. Ele interroga a hipocrisia da sociedade e afirma que a questão é contra nós mesmos, que somos reprimidos. A partir daí ele propõe uma série de questionamentos: a repressão sexual é mesmo uma evidência histórica, como se afirma? Serão os meios que se utiliza e o poder repressivo o mesmo? Será que são formas discretas de poder?

A hipótese de Foucault é que há, a partir do séc. XVIII, uma proliferação de discursos sobre sexo. Ele diz que foi o próprio poder que incitou essa proliferação de discursos, através da igreja, da escola, da família, do consultório médico. Essas instituições não visavam proibir ou reduzir a prática sexual, mas visavam o controle do indivíduo e da população.

Seguindo o pensamento do autor, é conjecturado que devemos falar de sexo, mas não apenas como uma coisa que a ser tolerada, mas a ser gerida e inserida para o bem de todos, fazê-lo funcionar de forma a não julgá-lo mas administrá-lo de forma a promover o respeito sobre as diferenças.

A proposta é regula-se o sexo, mas não pela proibição, e sim por meio de discursos úteis, visando fortalecer e aumentar a potência do Estado como um todo. Um exemplo prático dos motivos para se regular o sexo foi o surgimento da população como problema econômico e político, sendo necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis e assim por diante.

Dessa forma, a economia e o futuro da sociedade eram ligados à maneira como cada pessoa usava o seu sexo. O aumento dos discursos sobre sexo pode, então, ter visado produzir uma sexualidade economicamente útil.

Também passou a despertar as atenções de pedagogos e psiquiatras, onde na pedagogia, iniciou a elaboração de um discurso sobre o sexo das crianças, e na psiquiatria, foram estabelecidas as perversões sexuais.

A averiguação psiquiátrica, o relatório pedagógico, o controle familiar, que aparentemente visam apenas vigiar e reprimir as sexualidades, funcionaram como mecanismos de incitação: prazer e poder, em que:

Dizendo poder, não quero significar “o poder”, como um conjunto de instituições e aparelhos que garantem a sujeição dos cidadãos num determinado estado. Também não entendo poder como um modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra. Enfim, não entendo o poder como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma de lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas da sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1988, p. 88-89).

Na citação acima, o autor concebe o Poder na multiplicidade de interligações de forças imanentes ao domínio que se exercem e que são constitutivas da sua organização, em que tal concepção toma forma na história, na política e nas variadas sociedades. Assim, Foucault constrói uma nova hipótese sobre a sexualidade humana, em que ele compreende que as sexualidades são socialmente e historicamente construídas.

Corroborando com essa teoria, a interligamos com a concepção de gênero e sexualidade como construção identitária, para isso, nós apoiamos Souza (2005) e Meyer (2003), as quais defendem que o pensamento pós-estruturalista compreende a identidade cultural como síntese de categorias diversas, entre elas, as identidades étnicas, sociais, econômicas, sexuais, de geração, nacionalidade, religiosidade, gênero etc.

Colocando em foco as identidades de gêneros e sexuais, elas podem ser compreendidas à parte de uma representação biológica que se constrói pelos fatores sociais e culturais que são predominantes na formação do sujeito. Assim sendo, a representação biológica é um dos elementos constituintes da identidade sexual, mas

não a definidora desta, uma vez que se considera que o desenvolvimento ocorre desde o nascimento, numa interação constante entre o indivíduo e os outros, não se constituindo nem se apresentando de maneira fixa.

Louro (2000, 2003) e Souza (2005) apontam que a análise da identidade de gênero isolada de outras experiências pessoais é insuficiente para a compreensão das representações de poder ligadas intrinsecamente às construções das identidades; elas se constroem durante a vida do indivíduo desde seu nascimento, nas relações que são estabelecidas entre a criança e as pessoas com quem convive, sejam elas outras crianças, adolescentes ou adultos, e também entre a criança e os diversos objetos culturais aos quais tem acesso.

Na nossa cultura ocidental, por exemplo, a representação dominante do ser humano é evidenciada pela figura do homem heterossexual, jovem, branco, cristão e de classe média. Para Meyer (2003), a intenção dos estudos pós-estruturalistas é analisar e questionar os múltiplos processos socioculturais que utilizam a anatomia para justificar diferenças, desigualdades e subordinações entre as pessoas.

Perceber as relações de poder, que se engendram de maneira tão sutil em nosso meio constituídas numa sociedade hierarquizada como a nossa, que em alguns casos impõe modelos a serem seguidos por todos, não constitui um trabalho simples. A naturalização de alguns hábitos, concepções e valores que mantemos pode indicar a existência de procedimentos de repressão sexual muito enraizados presentes na civilização.

Muitos dos pesquisadores que se dedicam a essas questões apontam que às crianças têm sido oferecidos modelos de mulheres e homens com bases sexistas, racistas e classistas. A escola, como instituição responsável pela educação de crianças, também não está imune a esse tratamento discriminatório. Então como abordar tais discussões no âmbito escolar?

As questões sobre família, gênero, corpo, sexualidade e diversidade, nas últimas décadas, vêm ganhando espaço na área da educação. Guacira Louro (2007) atenta para a forma com que os educadores encaram a discussão de gênero e sexualidade, pois muitos pensam que se deixar de tratar desses problemas a sexualidade ficará fora da escola. Mas esta, como instituição de ensino, não está reproduzindo ou refletindo as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, ela própria as produz.

Jimena Furlani (2007), discute a educação sexual para crianças sob uma perspectiva em que a sexualidade constitui o sujeito em todas as etapas de sua existência, o que requer da escola uma dedicação continuada a essa temática, e não apenas em atividades localizadas, a exemplo de estudos de conteúdos de ciências, ao estudar o corpo humano abordando apenas a questão biológica da sexualidade de forma precária para aprendizado.

Desta maneira, esta proposta tem como norte a desconstrução de padrões acerca da sexualidade; partindo da linguagem com a qual educadoras e educadores introduzem as discussões em sala de aula. Jimena Furlani (2007) enfatiza que a escola não apenas reproduz modelos de normalidade, mas também os engendra.

A referida autora ainda defende que a escolha do vocabulário que se utiliza está atravessada pelas relações de poder. O uso da nomenclatura 'homem', enquanto genérico, para tratar da espécie humana é criticado por ela, que o localiza em um momento histórico anterior ao movimento feminista. De modo semelhante, a frase "meninos têm pênis, meninas têm vagina" pontua na menina um órgão que não é visível, o que traz mais confusão do que esclarecimento sobre as diferenças anatômicas.

Pensando por outro lado, esse modo de associar a sexualidade à reprodução implica manter a heterossexualidade como modelo, bem como menosprezar o prazer e outras práticas sexuais que não a penetração vaginal. Segundo Jimena Furlani (2007), a ênfase no 'aparelho reprodutor' desconsidera que a sexualidade está presente em crianças e idosos, favorecendo a cristalização de preconceitos.

Refletindo sobre isso, para abordar tal temática, é necessário que a escola analise os conceitos de gênero e ao se dispor em discutir a produção de diferenças e desigualdades de gênero e sexualidade em sala de aula, o professor ou professora com sua própria metodologia de ensino, faça uma análise dos processos sociais mais amplos que marcaram a discriminação de diferentes sujeitos, em função tanto de sua identidade de gênero quanto em função de articulações com a raça/etnia, orientação sexual, religião, aparência física, entre outras.

Exorando assim uma ampliação e complexificação não só das análises que precisamos realizar, mas ainda, uma (re)avaliação profunda das intervenções sociais e políticas que seriam necessárias e de acordo com a realidade executá-las.

Sendo assim, os professores precisam estar bem orientados com métodos de como abordar tal temática em sala de aula, e livres de preconceitos, sejam eles frutos

de sua vivência religiosa ou ponto de vista sócio-histórico e culturalmente construídos, pois um trabalho feito de forma preconceituosa pode ter o efeito contrário ao esperado.

Por esta perspectiva, fica evidenciado a necessidade dos professores repensarem a forma de produzir, veicular, pensar, dizer, agir e viver a realidade diversa e complexa que envolve os sujeitos da educação. Repensando também sua maneira de colaborar como profissional da educação na construção de uma sociedade igualitária em todos os níveis das relações humanas.

Assim, frisamos a importância dos educadores pesquisadores, a necessidade de buscarem conhecimento científico sobre a referida demanda, pois o processo de ensino aprendizagem é muito complexo e requer um preparo prévio do profissional da educação, e acima de tudo não deixar de reconhecer o seu papel como cidadão que leva a uma sociedade a sua contribuição, discutindo assim sua função social no tratamento pedagógico de questões de gênero e diversidade sexual. Mas há uma colaboração essencial para a escola realizar a determinada abordagem em sala de aula: o apoio da família nessa discussão.

A família por muitas vezes, silencia o debate sobre gênero e sexualidade dentro de casa, e por muitas vezes quer silenciar a escola também, por isso se torna necessário abordar neste estudo uma discussão sobre o lugar que a família deve assumir perante esse debate e a sua importância ao colaborar com o trabalho da escola, especificamente a esse respeito. Para tanto, desenvolvemos o subtópico seguinte para dá ênfase a importância da abordagem sobre gênero e sexualidade em sala de aula buscando compreender o lugar da família nessa discussão.

O lugar da família e o debate sobre gênero e sexualidade na escola.

A priori, gostaríamos de frisar que ao falar do debate sobre gênero e sexualidade na escola, devemos tratar dessa abordagem além de temas como anatomia, reprodução, gravidez indesejada e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. A escola deve alcançar um diálogo sincero, que envolva a escola e família, contemplando e mostrando que a diferença e o respeito ao outro é transformador para o ponto de vista subjetivo e para a coletividade. No entanto, não é trabalho fácil, porque a escola e as famílias precisam encarar as próprias inseguranças e os próprios preconceitos e medos em relação a temas que são de extrema importância porque perpassam a existência de todo ser humano.

Por muitas vezes, o debate sobre gênero e sexualidade é silenciado no âmbito familiar, ou seja, tal discussão é tratada como *tabu* dentro de casa, a escola fica com uma responsabilidade ainda maior ao abordar tal assunto em sala de aula, e por muitas vezes os professores e professoras ficam receosos principalmente porque há famílias de alunos que se contrapõem á escola quando ela realiza um trabalho a esse respeito. Tais famílias são construídas em um espaço sócio-histórico cultural enraizadas por ideologias machistas, que concebe gênero e sexualidade de uma forma preconceituosa.

Para entender melhor sobre essa questão polêmica, sentimos a necessidade de discutir brevemente sobre a teoria do Sociólogo Pierre Bourdieu (2012) “A dominação masculina”, que analisa a construção naturalizada do gênero como *habitus sexuado*, com isso esclarecemos o comportamento e a dificuldade ao falar sobre gênero e sexualidade na educação escolar, principalmente abordando o lugar da família nesse debate.

Em “A dominação masculina”, Bourdieu (2012) analisou a cultura da sociedade Cabília, essa que possui uma tradição cultural apoiada no princípio androcêntrico, onde o masculino e feminino são opostos e assimétricos, em que o masculino é tido como hierarquicamente superior e construído contra e em relação ao feminino.

Nesta obra, Pierre Bourdieu objetiva desnaturalizar e desmitificar as estruturas de dominação entre as relações de gêneros e sexo, que com o decorrer do tempo foram assumindo caráter natural. De acordo com o autor, a dominação masculina é uma violência simbólica invisível as suas vítimas, que está enraizada nas práticas culturais das sociedades, escondendo-se por trás da diferenciação sexual, utilizando o corpo feminino como instrumento de controle para promover a submissão paradoxal. Dessa forma, Bourdieu (2012), averigua a construção social naturalizada do gênero como *habitus sexuado*. Observando a sociedade Cabília, ele verificou que nas relações sociais entre os gêneros masculino e feminino engendrava um jogo que concebia o masculino como homem viril e o feminino como mulher, sexo submisso.

Ao falar que a inscrição da divisão sexual está na divisão das atividades produtivas a que nós associamos a ideia de trabalho, assim como, na divisão do trabalho de manutenção do capital social e do capital simbólico, Bourdieu (2012) esclarece como ocorre o jogo social que divide os gêneros hierarquizando o masculino:

Ao descrever, como o fiz em outros trabalhos, a propósito da divisão do trabalho entre os sexos, a divisão unicamente das atividades produtivas, adotei, erroneamente, uma definição etnocêntrica de trabalho que eu próprio havia demonstrado, por outro lado, que, sendo invenção histórica, é profundamente diferente da definição pré-capitalista do "trabalho" como exercício de uma função social que se pode dizer "total", ou indiferenciada, e que engloba atividades que nossas sociedades considerariam como não produtivas, porque desprovidas de sanção monetária: é o caso, na sociedade cabila e na maior parte das sociedades pré-capitalistas, mas também da nobreza do Ancien Régime e nas classes privilegiadas das sociedades capitalistas, de todas as práticas direta ou indiretamente orientadas para a reprodução do capital social e do capital simbólico, como o fato de negociar um casamento, ou de tomar a palavra na assembléia dos homens entre os cabilas, ou, algures, o fato de praticar um esporte refinado, de ter um salão, de dar um baile ou inaugurar uma instituição de caridade. Ora, aceitar aquela definição mutilada representa impedir-se de apreender completamente a estrutura objetiva da divisão sexual das "tarefas" ou dos encargos, que se estende a todos os domínios da prática e, principalmente, às trocas (com a diferença entre as trocas masculinas, públicas, descontínuas, extraordinárias e as trocas femininas, privadas, ou até secretas, contínuas e rotineiras) e às atividades religiosas ou rituais, em que se observam oposições do mesmo princípio. (p. 60-61)

Na citação acima, podemos compreender quais são as práticas culturais da sociedade, estudada pelo autor, que enraizaram e ainda enraízam a ideologia machista de conceber gênero e sexualidade por uma perspectiva que busca estabelecer a hierarquia do gênero masculino submetendo o gênero feminino, gerando preconceito e discriminação a esse segundo.

Conforme Bourdieu (2012, p.61-62), o *habitus* deve ser entendido assim como indica a palavra, como um sistema de disposições incorporadas, disposições que organizam as formas pelas quais os indivíduos percebemos o mundo social e reagem a ele, representando a forma como a cultura molda o corpo e a mente e, como implicação, molda a ação social do sujeito os dividindo em opostos, onde o masculino apresenta todas as características e comportamento de hierarquia e, diferentemente, o feminino apresenta todos os aspectos e conduta de submissão, inferioridade, sofrendo com a violência simbólica gerada por esse modo de agir socialmente.

Em seus estudos na região da Cabília, através da linguagem, que é um dos mecanismos para evidenciar a dominação masculina, Pierre Bourdieu verificou a predominância de estruturas morfológicas que evocam a plenitude e superioridade

masculina, na qual o sêmen simboliza o preenchimento, leite, aquilo que dá a vida e a mulher é mera receptora, representado o vazio a ser preenchido e que se encherá de vida.

Mas Bourdieu ressalta que os “dominadores” são ao mesmo tempo dominados por essas representações, visto que o homem que não corresponde a certos atributos, podem passar de dominantes a dominados, já que as mulheres podem se alicerçar nos esquemas de percepções dominantes. Outro ponto essencial ressaltado pelo autor é a concepção do ato sexual como uma relação de dominação, a mulher é vista como uma figura passiva, frívola e o homem é o ator principal, o ser que possui, o dominador.

Bourdieu (2012) ao observar a sociedade Cabília constatou a incorporação da dominação, em que o paradoxo da ideia de que a definição sobre o corpo, principalmente dos órgãos sexuais, trata-se de uma construção social construída e percebida por uma visão androcêntrica simbólica que coloca o homem em posição de superioridade em relação a mulher. Nesse terreno de trocas simbólicas a mulher é enxergada como objeto, ou seja, instrumento simbólico da política masculina, tendo a função de perpetuar ou acumular o capital simbólico dos homens, concedendo á eles posição de destaque na sociedade.

Os aspectos sociais e as concepções sobre as relações de gêneros e sexualidades que Bourdieu aborda em sua obra “A dominação masculina” se perpetua até hoje nas sociedades ocidentais: da mulher ainda se espera que se case e cumpra sua função de perpetuação, ela deve se manter virgem e manter um comportamento sexual dentro dos “padrões moralistas”; a divisão sexual do trabalho, apesar do sexo feminino ter conquistado e está conquistando espaço nesse meio, simbolicamente ainda reforça estereótipos e a desigualdade de gêneros; a educação machista ainda é imposta pelas sociedades e pelas famílias, oprimindo a mulher e de certa maneira também oprime o homem, pois dele é exigido a afirmação do poder e virilidade o colocando sob um sistema de exigências que proíbe a demonstração de sensibilidade, caso contrário, ele se torna alvo de preconceito, discriminação e de violência pela sociedade.

Da mesma forma que a sociedade e família Cabília regulava o comportamento sexual da mulher, suas vestimentas, os locais onde anda, seu papel como mãe e dona de casa, entre outros, as sociedades atuais ainda agem por essa perspectiva, transvestindo de “boa intenção e cuidado” noções comuns que estão na base da

violência sexual, onde a mulher é sempre a vítima e ao mesmo tempo culpada aos olhos da sociedade.

Sabemos que a família é uma das instituições básicas da sociedade, e não podemos pensar nela de forma isolada, como se houvesse uma única estrutura familiar, cada família é única em sua constituição sendo divergente das demais, por isso há a necessidade de se trabalhar na escola com as famílias percebendo-as de forma heterogênea, em que não haja uma família modelo ideal a ser seguido. As famílias são parte das discussões sociais e políticas e vivem em constante transformação e evolução, por interferência das sociedades, da história e das culturas sociais. Por isso, abordar em sala de aula o debate sobre família, gênero e sexualidade, deve-se considerar o lugar familiar que os alunos estão inseridos, a finalidade não é impor a aceitação de uma determinada ideologia sobre a temática, e sim proporcionar o conhecimento sobre e promover o respeito as diferenças.

2: A PRODUÇÃO DA LITERÁRIA INFANTOJUVENIL DE LYGIA BOJUNGA E O CONTEXTO DA SALA DE AULA.

Neste capítulo, discorreremos brevemente sobre a vida e obra da autora de literatura infantil Lygia Bojunga, em seguida discutimos sobre a importância da Literatura infanto-juvenil no contexto sala de aula, refletindo sobre a Escolarização adequada da Literatura e em subsídios teóricos metodológicos para auxiliar a prática pedagógica dos professores.

Vida e obra de Lygia Bojunga.

Na literatura brasileira temos grandes nomes que estão na lista do cânone literário, dentre eles muitos são homens, mas a mulher também esteve e está ganhando espaço nesse meio e agregando valor no mundo da literatura, dentre elas iremos falar brevemente da vida e obra da escritora Lygia Bojunga Nunes, a qual abordamos a sua obra literária “A bolsa amarela” como objeto da análise de nosso estudo.

Conforme pesquisas realizadas nos endereços de sites de pesquisa <http://enciclopedia.itaucultural.org.br> e <https://www.ebiografia.com>, Lygia Bojunga Nunes é uma renomeada autora da literatura infantojuvenil brasileira, nasceu no dia 26 de agosto de 1932, e passou metade de sua infância em uma fazenda na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

Ao completar oito anos Lygia Bojunga mudou-se juntamente com sua família para a cidade do Rio de Janeiro, e no ano 1951 ingressou para a Companhia de Teatro Os Artista Unidos, que se apresentou pelo interior do estado. Nessa mesma época passou a atuar como atriz de rádio e participava de programas de televisão.

Buscando uma vida integrada à natureza mudou-se para o interior do Estado do Rio de Janeiro, abandonando os palcos e as outras atividades na televisão. Junto com o marido, Peter, fundou a “Toca”, uma escola rural para crianças carentes e começou escrever textos literários.

Em 1972 publicou seu primeiro livro “Os colegas”, uma fábula que conta a aventura de cinco animais, os cachorros Virinha, Latinha e Flor-de Lis, o coelho Cara de Pau e o urso Voz de Cristal. A obra ganhou vários prêmios nacionais e internacionais.

Entre suas vinte e uma publicações de livros destacam-se: “Angélica” (1975), “A Bolsa Amarela” (1976), “A Casa da Madrinha” (1978) e “O Sofá Estampado” (1980).

A produção literária de Lygia Bojunga se caracteriza pela mistura da fantasia com a realidade, onde aborda questões sociais com lirismo e humor.

Em 2004, ganha o Astrid Lindgren Memorial Award, prêmio criado pelo governo da Suécia, nunca antes concedido a um autor de literatura infantojuvenil. Com esse incentivo, cria nesse ano a Fundação Cultural Lygia Bojunga com o intuito de desenvolver ações de popularização do livro.

Em “A bolsa amarela”, Lygia Bojunga debruça-se sobre a construção da identidade infantil da menina Raquel (protagonista da história) enquanto sujeito ativo socialmente e sobre as possibilidades de construção dessa mesma identidade dentro das perspectivas do âmbito familiar, social e cultural.

Com o referente livro, Lygia Bojunga foi premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, recebendo o Prêmio Hans Christian Andersen, em 1982, além de ter ganhado o primeiro lugar no Concurso de Literatura Infantil do Instituto Nacional do Livro (INL), em 1971.

Lygia Bojunga é considerada um dos maiores nomes da literatura infantojuvenil, consagrada pela qualidade de seu livro “A bolsa amarela”, por caracterizar a problemática da criança acuada dentro do núcleo familiar e social, por causa dos estabelecimentos de regras impostas a ela, e por ela também ser do gênero feminino.

Veremos melhor sobre essa discussão no Capítulo 3, onde analisamos a referida obra, mas neste capítulo é de relevância falar sobre a literatura infantojuvenil e o contexto da sala de aula, vejamos a seguir.

A literatura Infantojuvenil e o contexto da sala de aula.

A literatura infantojuvenil ainda não tem o espaço adequado nas salas de aulas de uma maneira que seja promovido o prazer pela leitura literária nas séries finais do ensino fundamental, na maioria das vezes, os professores de língua portuguesa justificam que a falha está na grade curricular, que não contempla um trabalho mais amplo com literatura.

Uma das consequências disso é a falta de oportunidades para os alunos terem um contato deleitoso e contínuo com o mundo mágico e ficcional, próprio das narrativas literárias.

Sendo assim, o trabalho para despertar nos alunos o apreço em relação aos textos literários fora do ambiente escolar se torna mais inviável se esse contato não ocorrer adequadamente na escola, pois o manusear desses textos deve ocorrer dentro de um contexto de aprendizagem e apreciação estética organizada.

Para tanto, tornam-se imprescindíveis a vontade e esforço do professor ao ensinar leitura de livros literários em sala de aula, de uma maneira a promover o prazer e apreciação dos alunos por tais leituras. Para isso, é necessário que se modifique positivamente a visão e o valor que a comunidade escolar da maioria das escolas tem em relação às atividades relacionadas à literatura.

A literatura possui importância crucial na formação da identidade das pessoas, favorecendo inclusive que elas se tornem leitoras mais competentes, sensíveis e mais críticas em relação a realidade a que estão inseridas.

Infelizmente, muitos professores e escolas continuam relegando as atividades com literatura nas séries finais do ensino fundamental aos planos mais secundários, esporádicos e superficiais dos trabalhos em suas salas de aula.

É papel da escola, entre outras funções, tornar seus alunos leitores eficientes e críticos, e não apenas meros decodificadores da língua, pois a leitura é um processo de percepção da realidade que envolve, entre outros fatores, a visão do mundo do leitor.

Os PCNs (1998), acarretam os Temas Transversais em suas propostas didáticas, sugerindo a abordagem de temas universais como: ética, pluralidade e diversidade culturais, elementos fartos na composição dos textos literários que podem ser trabalhados em sala de aula, devendo proporcionar para a criança e o jovem a discussão de assuntos pertinentes ao momento social, político e cultural específico de seus contextos.

Refletir sobre a *Escolarização adequada* da Literatura é um grande desafio na busca para a formação de leitores nas séries iniciais do ensino fundamental, uma vez que, a grande dificuldade de tais reflexões ainda centraliza-se em fornecer subsídios teóricos metodológicos para auxiliar a prática pedagógica dos professores, principalmente se a leitura abordar temáticas polêmicas como as discussões sobre família, gênero e sexualidade.

Para realizar uma prática pedagógica eficiente no ensino/aprendizagem de Literatura, se faz necessário que o professor, possuindo pleno conhecimento da importância da Literatura na escola, reflita sobre como trabalhar o texto literário em

sala de aula sem torná-lo pretexto para o ensino/aprendizagem de outras questões, que fogem aos objetivos dos estudos literários, por exemplo: utilizar o texto literário para estudar restritamente noções gramaticais.

Segundo Antonio Candido (1995) a função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, explicitando inclusive o papel contraditório mas humanizador, o referido autor a distingue em pelo menos em três faces: a) a literatura sendo construção de objetos autônomos como estrutura e significado; b) a literatura sendo uma forma de expressão de emoções; e c) a literatura sendo uma forma de conhecimento.

A face *a* da literatura, conforme apresenta Candido (1995), denota que toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto construído, que enquanto construção, possui grande poder humanizador dessa construção, nos proporcionando, através da elaboração da estrutura da obra, a capacidade de ordenar a nossa própria mente e sentimentos e organizar a visão que temos do mundo.

A face *b* da literatura exprime que a forma da obra literária permite que o conteúdo ganhe maior significado, e a junção de ambos intensificam a nossa capacidade de ver e sentir.

E por fim, a face *c* demonstra que a junção do conteúdo com a forma redundam em certa modalidade de conhecimento, que na maior parte incorpora-se no subconsciente ou no consciente, proporcionando a aquisição de noções, emoções, sugestões ou até mesmo agregações de conhecimentos.

A escola deveria ter o papel de proporcionar aos alunos o acesso à leitura e aos sentidos de obras literárias. Uma das vias para isso ocorrer seria, realizar uma prática pedagógica de acordo com a proposta de ensino aprendizagem defendida por Silva (2011), a qual defende a promoção de experiências efetivas com textos literários em sala de aula, organizando os sentimentos e a visão de mundo que os alunos possuem, promovendo atitudes de confronto consigo mesmo ou com a realidade que os circundam.

Em função das restrições de tempo das aulas e de espaço na escola, a leitura completa de obras literárias se torna inviável dentro do âmbito escolar, passando ser necessária ser realizada fora da sala de aula. Nesse momento cabe ao professor mediar leituras de partes de leitura de textos que auxiliem na continuidade da leitura, e em sua melhora qualitativa, fora da sala de aula.

Portanto, propõe-se que o professor trabalhe com a fragmentação, mas não como forma de facilitar o seu trabalho ou estagnar a leitura da obra para o aluno, mas objetivando promover a necessidade de solucionar os problemas que o texto apresenta aos alunos (leitores) no momento da construção dos sentidos, além de ter por intuito contribuir para a leitura da obra como um todo.

A escola é, sem dúvida, um espaço em que a criança e os jovens passam a maior parte de seu tempo, portanto, é natural que nela ocorra, não só o contato com a literatura infantojuvenil, mas que isso aconteça de forma prestigiada.

Desse modo, a escola precisa de uma política de incentivo e promoção da leitura que, antes de qualquer coisa, leve em consideração os mediadores, pois estes, atuando juntamente com outras instâncias institucionais, deverão agir como principal ponte de veiculação, para os alunos, dos textos literários. Daí a necessidade primordial de se formar agentes capacitados, nesse caso os próprios professores, justamente a desempenhar esse papel de mediador entre o texto e os alunos, realizando o que se pode chamar de letramento literário, que tem na leitura seu mais eficaz ponto de partida.

Quando o aluno percebe que existe um ambiente de liberdade e respeito na sala de aula, ele começa a perceber o texto literário como um produto cultural com o qual interage de forma significativa e prazerosa.

Por isso, cabe a escola propiciar esse ambiente, para que os livros literários sejam vistos de forma diferente do que meros petrechos para o estudo de gramática.

Outro ponto de importante reflexão no ensino/aprendizagem de Literatura é a escolha dos textos literários. Na escola são instituídos, segundo Cosson (2009), quatro fatores que influenciam na seleção da literatura, a saber: os ditames dos programas que determinam a seleção de textos de acordo com os fins educacionais; a legibilidade dos textos, que determina um tipo diferente de linguagem para cada faixa etária de alunos ou série escolar; as condições oferecidas para a leitura literária na escola; e o acervo de leitura do professor.

O autor afirma que esse cenário é o mesmo tanto nas escolas públicas quanto nas escolas particulares, mas cabe ao professor ser intermediário entre a obra literária e o aluno, considerando que as escolhas dos textos devem ser pautadas em suprir as necessidades de leitura do educando.

Refletindo sobre letramento literário Cosson (2009) defende que é papel do professor fortalecer a disposição crítica do aluno sobre a leitura de textos literários, de

maneira que eles ultrapassem o simples consumo do texto, pois o aluno deve, ao ler uma obra literária, ser capaz de identificar seu mundo e seu cotidiano mesmo em obras canônicas.

Cosson (2009) diz que é necessário que a literatura seja uma prática viva em sala de aula, partindo do conhecido para o desconhecido. Dessa forma, o aluno conseguirá construir um sentido. O autor ressalta a necessidade de que o ensino da Literatura deve efetivar um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, objetivando ampliar e consolidar o repertório cultural de leitura do aluno. Nesse caso, é importante evidenciar que tanto a seleção das obras quanto as práticas de leitura em sala de aula devem acompanhar esse movimento.

Cosson (2009) ainda mostra a existência de duas formas sobre como desenvolver atividades com leitores tendo como objeto a literatura, a saber: sequência básica e sequência expandida. A sequência básica é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

O primeiro passo do letramento literário é a motivação e consiste em preparar o aluno para entrar no texto. De acordo com Cosson (2009), o sucesso primitivo do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. A introdução é a apresentação do autor e da obra e, independentemente, da forma utilizada para introduzir a obra, o professor não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos seus alunos.

O autor afirma que o professor ao ensinar leitura não pode perder de vista os objetivos; pois a leitura escolar precisa de acompanhamento e direcionamento. Há também os intervalos sugeridos no livro, pois é justamente nesses espaços de tempo que o professor terá a oportunidade de perceber as dificuldades de leitura dos alunos. A interpretação constitui-se das inferências para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade.

Rildo Cosson observa que o importante na interpretação é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e consiga relacioná-la a fatos de sua vida de forma concisa, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores do ambiente escolar.

Finalizando com essa discussão partiremos agora para análise de nosso estudo, onde poderemos debater a teoria estudada com os aspectos das discussões sobre família, gênero e sexualidade presentes no livro “A bolsa amarela” de Lygia Bojunga,

evidenciando uma de várias possibilidades metodológicas para trabalhar letramento literário abordando o discurso sobre família, as relações de gênero e sexualidade em sala de aula, de forma adequada que não exclui os alunos e as diversidades.

3: GÊNERO, FAMÍLIA E SEXUALIDADE UMA ABORDAGEM EM “A BOLSA AMARELA” DE LYGIA BOJUNGA.

Neste capítulo, iremos realizar a análise do livro “A Bolsa Amarela”, averiguando a inclusão da literatura infantojuvenil da autora Lygia Bojunga como abordagem pedagógica nas discussões sobre família, relações de gêneros e sexualidade em sala de aula.

3. 1 As relações de gêneros e sexualidade na obra “A Bolsa Amarela”.

Em “A Bolsa Amarela”, a autora Lygia Bojunga narra a história de uma menina chamada Raquel que vive um conflito consigo e com a sua família por reprimir três grandes vontades. Por ela ser criança e menina suas três vontades são renegadas por todos, levando-a à esconder o que ele deseja em uma bolsa amarela, as vontades são: vontade de crescer; vontade de ser garoto; e a vontade de se tornar escritora.

Sabendo disso, podemos constatar, sobre um primeiro olhar, que sua vontade de crescer pode ser consequência dela não ser ouvida por sua família pelo fato de ser uma criança. Já pela vontade de Raquel em ser menino, observamos que há uma incitação do pensamento que se ela fosse menino poderia ter suas vontades realizadas. E pela vontade de ser escritora, podemos averiguar, dentro do contexto sócio-histórico e cultural no qual estivemos inseridos ao longo do tempo, que escrever livros não é algo direcionado a mulher, isso, olhando pela perspectiva em que, nas relações de gêneros comumente concebidas, a mulher não poderia assumir papel social que a igualasse ao homem, uma vez que ambos tinham funções sociais distintas, onde o homem era o único que podia trabalhar, ter acesso à educação escolar e ser aquele que tomava as decisões familiares, enquanto a mulher ficava restrita as funções domésticas.

Na narração do livro “A Bolsa Amarela”, ao mesmo tempo que se sucede episódios reais e fantásticos, uma aventura se processa no pensamento da protagonista, e ela segue em direção a sua afirmação como pessoa, construindo sua identidade através de experiências que retratam a realidade de um âmbito familiar e social regradas por ideologias machistas, e descoberta de uma visão não androcêntrica de conceito de família, gênero e sexualidade.

O livro apresenta uma leitura prazerosa, com uma linguagem que encanta desde a criança ao idoso, e é composto por 10 capítulos nomeados respectivamente como: **As vantagens**; **A Bolsa Amarela**; **o galo**; **História do alfinete de fraldas**; **A volta da escola**; **O almoço**; **Terrível vai embora**; **História de um galo de briga e de um carretel de linha forte**; **Comecei a pensar diferente**; e **Na praia**. Cada capítulo destes engendraram uma história com os personagens da obra, os apresentando acarretados de sentimento símbolo através de uma linguagem figurada, metafórica.

Conforme já mencionado, a protagonista da história Raquel, trata-se de uma menina que guardava dentro de si e da Bolsa Amarela suas três vontades. Ela é a filha mais nova da Família, tinha um irmão e duas irmãs. Sempre incompreendida pelos mais velhos, a menina inventava seus próprios personagens, com quem tece toda a trama da história. Na imagem a seguir, extraída da própria obra, podemos observar, a partir do cesto cheio das escritas de Raquel, o quão grande é a sua vontade de ser escritora.

Figura 1 – A vontade de escrever.



Um dos primeiros personagens que ela cria na história é o André, um amigo imaginário com quem troca cartas. Em uma das cartas que Raquel envia para seu amigo, ela fala sobre a sua irmã mais nova, dizendo para ele que ela é muito bonita, mas que ela não objetiva estudar e nem trabalhar, pois conforme a fala de sua irmã

“Eu sou tão bonita, que não preciso trabalhar e nem estudar: tem homem assim querendo me sustentar; posso escolher a vontade.” (NUNES, p. 13, 2007).

Na referente citação, podemos observar por meio da fala da irmã mais nova de Raquel, que ela pretende casar e viver financeiramente dependente de seu futuro esposo, deixando evidente que ela não se importa de se encaixar em uma concepção ideológica machista de relações de gêneros.

Constatamos na referida passagem da história o que Bourdieu (2012) chama de violência simbólica, em que a mulher está submissa ao homem de forma inconsciente, ou seja, ela não compreende que essa relação de gêneros apresenta uma consequência degradante para o gênero feminino. De acordo com o autor, a violência simbólica é denominada como formas de coesão que se baseou em acordos não conscientes entre as estruturas objetivas e as estruturas mentais, isto é, no campo simbólico a denominada violência se dá pela produção social constituída por maneiras de ver e de pensar.

No primeiro capítulo do livro, Raquel mostra suas inquietações em relação as suas três vontades, realizando vários questionamentos que vão impulsionando o enredo da narrativa da história.

Algumas das suas inquietações é questionar por que o “chefe de família” - pessoa que toma decisões, principalmente financeiramente, em casa - tinha que ser sempre o homem, e por que nas brincadeiras os meninos sempre queriam ser aqueles a tomar decisões. Para exemplificar isso vejamos a seguinte passagem do livro:

Olha: lá na casa, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar bola, uma pelada, que é o tipo de jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; (NUNES, p.10, 2007).

Podemos analisar nesse fragmento anteriormente citado, que a divisão das brincadeiras entre os gêneros masculino e feminino é comparado a relação familiar sobre o que é ser “o chefe de família”, onde o sexo masculino sempre se encontra em posição de hierarquia em relação à mulher.

De acordo com a divisão sexual apresentada por Bourdieu (2012), podemos constatar que a divisão sexual entre masculino e feminino encontra-se nas divisões de atividades produtivas a que associamos a ideia de trabalho.

Percebemos assim, a correlação da divisão de brincadeiras entre os gêneros masculino e feminino com a posição que ambos ocupam na família. E quase sempre quem ocupa essa posição é a figura paterna, referente ao gênero masculino.

No capítulo 2 da obra, podemos verificar aspectos dessa mesma maneira de conceber as relações de gêneros. Tal capítulo aborda o momento da história que Raquel adquire a Bolsa Amarela, onde passamos a conhecer a tia Brunilda. Esta personagem era mãe de Alberto, animado menino de 14 anos. Brunilda era uma mulher Consumista que comprava muitas roupas e quando enjoava fazia doações para a família. Casada com tio de Raquel, Julho, não trabalhava porque seu esposo não permitia. Vejamos o fragmento da história que apresenta tal fato:

Fiquei pensando no tio Júlio. Meu pai disse que ele dá um duro danado pra ganhar o dinheiro que ele ganha. Se eu fosse ele, eu ficava pra morrer de ver a tia Brunilda gastar o dinheiro numas coisas que ela enjoa logo. Mas ele não fica. Eu acho isso tão esquisito! Outra coisa um bocado esquisita é que, se ele reclama, ela diz logo: “vou arranjar um emprego”. Aí ele fala: “De jeito nenhum”. E dá mais dinheiro. Pra ela comprar mais. E para continuar enjoando. Vou ver se um dia entendo essa jogada. (NUNES, p. 25, 2007).

Nessa referida passagem da história, não podemos dizer que há uma violência simbólica, conforme a teoria de Bourdieu (2012), uma vez que, a relação da personagem Brunilda com seu esposo não trata-se de uma coesão que se baseia em acordos não conscientes entre as estruturas objetivas e as estruturas mentais, pelo contrário, ambos são conscientes das condições que os mantém em matrimônio.

Prosseguindo a análise da narrativa, personagens mágicas se apresentam no livro “A Bolsa Amarela”. Um que fica evidenciado é Afonso, um galo que não queria ser o dono do galinheiro e nem gostava de brigar, mas gostava de ter ideias.

Chamava-se “Rei”, mas era um nome que não combinava com ele porque não queria dá ordem as galinhas, o que ele desejava era que todos, independente de gênero, fossem capazes de opinar e serem ouvidos na convivência do galinheiro. Um dia ele expressou seu julgamento sobre isso, veja o que aconteceu:

[...] Quando eu expliquei que desde pequenininho eu sonhava com um galinheiro legal, todo mundo dando opinião, resolvendo as coisas, achando furada essa história de um galo mandar e desmandar a vida toda, sabe o que elas fizeram? Chamaram o dono do galinheiro e deram queixa de mim. – No duro? - Fiquei danado. Subi puleiro e berrei: “Não quero mandar sozinho! Quero um galinheiro com mais

galos! Quero as galinhas mandando junto com os galos!”. - Que legal!
- Legal coisa nenhuma, me levaram preso. - Mas por quê? - Para eu
aprender a não ser um galo diferente [...]. (NUNES, p. 36, 2007.

Analisando esse fragmento do texto, podemos observar que o galo Afonso é um dos personagens do livro “A Bolsa Amarela” que apresenta a simbologia daquele que contraria o que é determinado preconceituosamente pela conjuntura social que defende que os gêneros estão destinados a assumir funções distintas, em que as tomadas de decisões, seja no âmbito familiar, social ou de trabalho, são destinadas aos homens.

Através da abordada citação, analisando a linguagem que ela apresenta, podemos correlacionar com a crítica que encontramos na teoria apresentada na “História da sexualidade: o cuidado de si” de Foucault (1988). Em seus estudos, o referente autor aborda uma discussão sobre a fase de reprodução sexual que vem sendo vivida desde século XVIII pela sociedade ocidental, em que o sexo se reduz a sua função reprodutora e o casal hétero passa a ser modelo. O que não se encaixa nesse conceito torna-se “amor mal” é expulso, recusado e comprimido ao silêncio.

Refletindo esse pensamento, frisando a relação que os gêneros desempenham na sociedade, o galo Afonso, ele foge a função comumente concebido imposta ao gênero masculino. Ele é preso por um determinado tempo, e quando o trazem de volta ao galinheiro impõem que ele atue como verdadeiro dono das galinhas, e essas se dispuseram a fazer ele cumprir o que estava sendo imposto, mas ele não se conforma com tal situação e foge do galinheiro, objetivando se tornar o que ele deseja, defendendo suas ideias.

Ao fugir do galinheiro o galo Afonso encontra-se com Raquel e passa a morar na Bolsa Amarela. Vale lembrar que as histórias dos personagens secundários são inventadas pela protagonista da narrativa.

Afonso apresenta a história do guarda-chuva, que era “o guarda-chuva mulher”. Gramaticalmente a palavra “guarda-chuva” trata-se de um substantivo masculino, mas a forma que ela é abordada no livro “A Bolsa Amarela”, relacionando gênero ao sexo, fica evidenciado a linguagem figurada que Lygia Bojunga Nunes usa para abordar uma identidade social que constitui a diversidade de gêneros e sexualidades existentes, possibilitando uma abordagem de discussão a esse respeito, de maneira a conscientizar e promover o respeito entre todos.

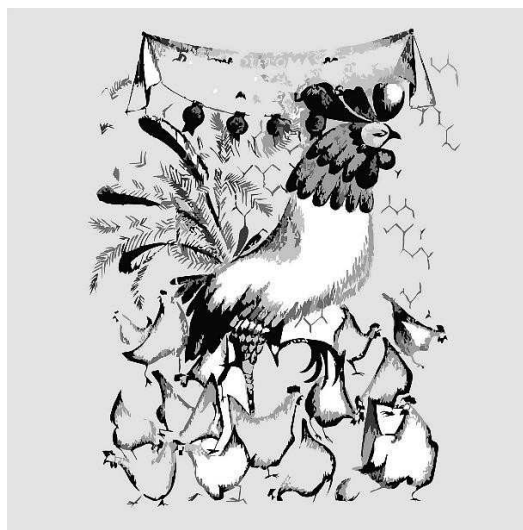
Figura 2 – Afonso e o guarda-chuva



Surge, em seguida, Terrível, um galo de briga que é primo de Afonso, que só pensava em brigar. Terrível havia participados de várias lutas e que até então, no momento que Afonso reencontra-o, não havia perdido nenhuma, mas conseqüentemente perdeu a luta contra outro galo chamado Crista de Ferro.

Com o galo Afonso e o galo Terrível, Lygia Bojunga aborda em sua narrativa dois personagens que se situam em um mesmo âmbito de vivências sociais, que tende ditar, de forma ideologicamente machista e violenta, as relações de gêneros. No caso em análise trata-se da opressão que o gênero masculino sofre para se construir gênero sendo o sexo forte e dominante.

Figura 3 - Terrível



No capítulo “História do alfinete de fraldas”, Raquel conta a história do alfinete de fralda que fora achado na rua todo enferrujado. Esse capítulo é o mais curto da obra, mas é o alfinete de fraldas que indica a casa dos consertos para Raquel, com a finalidade de consertar o cabo do guarda-chuva que vivia travando.

A casa dos consertos era uma casa especial, diferente da que Raquel vivia, todas as funções eram democraticamente divididas entre os membros da casa, que eram a mãe, o pai, o avô e a filha do casal chamada Lorelai. Raquel achando diferente essa estrutura familiar, perguntou a Lorelai quem era “o chefe da casa”, e a menina respondeu o seguinte:

Nós quatro. Para isso todo dia tem hora de resolver coisa. Que nem ainda há pouco teve Hora de Brincar. A gente senta aí na mesa e resolve tudo que precisa. Resolve como é que vai enfrentar um caso que a vizinha criou; resolve se vai brincar mais do que trabalhar; resolve o que vai comer; quanto é que vai gastar em roupa, em comida, em livro; resolve essas transas todas. Cada um dá uma ideia. E fica resolvido o que a maioria acha melhor. - Você também pode achar? - Claro! Eu também moro aqui, eu também estudo, eu também cozinho, eu também conserto. Aqui todo mundo acha igual. - Mas pode? - Por que é que não pode. (NUNES, p. 114-115, 2007).

Conforme vimos no capítulo 1 desta pesquisa, Louro (2000, 2003) e Souza (2005) aponta que a análise da identidade de gênero isolada de outras experiências pessoais é insuficiente para a compreensão das representações de poder ligadas intrinsecamente as construções das identidades, ela se constrói durante a vida do indivíduo desde o seu nascimento, nas relações que são estabelecidas entre a criança e as pessoas com quem convive, sejam elas crianças, adolescentes ou adultos, e também entre a criança e os diversos objetos culturais as quais têm acesso.

A protagonista Raquel e a personagem Lorelai podem ser analisadas no enredo dentro do âmbito familiar social e cultural que cada uma vive, em ambas conseguimos observar o processo de construção identitária divergentes, estando ambas suscetíveis a mudanças que possam ocorrer por influência da família, da sociedade e da história.

3.2 As implicações do debate sobre gênero e sexualidade da obra a bolsa amarela para sala de aula.

As relações familiares e de gêneros estão interligadas e, ao longo de sua existência, passaram por constantes mudanças. Inserida nestes contextos, a figura

da criança se encontra e, a cada dia, está ganhando maior significação porque, se antes ela era relegada, sendo silenciada, atualmente, após as mudanças sociais ocorridas, dentre as quais as necessidades de intimidade das famílias, na maioria dos lares, a criança recebe mais atenção e mais cuidado dos pais e familiares, como também por parte de outras instituições sociais e de leis que primam pelo seu bem-estar.

“A Bolsa Amarela” aborda a temática das relações familiares e o papel desempenhado por cada membro, especificamente a inserção da criança buscando sua emancipação. Da mesma forma, a variedade de recursos linguísticos usados pela autora da obra para compor essa novela, evidencia a capacidade que ela tem de usar a linguagem para atingir o público infantojuvenil.

O livro em abordagem, apresenta uma renovação ao conceber as relações de gêneros, tendo em vista dialogar sobre essa temática com crianças e jovens, pois as personagens de seu livro são infantis e não tem identidades prontas, fato que a diferencia da tradição pedagógica que marca a literatura para esse tipo de leitor.

Ao ler a história contada por Raquel, percebe-se que a linguagem utilizada é a infantil voltada para criança, passando-se a conhecê-la o seu vocabulário, pelo registro informal e pela criação de palavras, fato comum nessa fase da vida humana.

A escolha de tal obra como objeto de análise neste trabalho, abordando-a como ferramenta pedagógica, foi justamente pelo fato que a conquista de identidade da protagonista na história é uma tarefa penosa em relação a se compreender e se aceitar como gênero feminino em meio a tanta repressão sofrida. Raquel sofre ao se defrontar com as dificuldades impostas pelo esquema dominador e sexista do mundo dos adultos e busca respostas para os seus questionamentos.

“A Bolsa amarela” é constituída de uma linguagem sutil, sensível e fantasiosa, que compõem o enredo que engloba o universo infantil, abordando questões que giram em torno do conceito sobre família as relações de gênero e sexualidade discutindo-as na infância, facilitando uma discussão para sala de aula que retrata e aproxima à realidade histórica, social e cultural que muitos viveram que ainda vivem ao tratar sobre a temática em debate.

CONSIDERAÇÕES

Considerando que a noção de família, a concepção e relações de gêneros, corpo e sexualidade são construções sócio-históricas, e compreendendo que a escola tem importância como *lócus* de convivência cultural, respeito e valorização da diversidade, defendemos nesta pesquisa que, sendo uma instituição de ensino, ela deve ter como propósito o ensinar/aprender a condição humana, assumindo o lugar de legitimação de combate aos preconceitos de gênero, sexo, etnia, religião, entre outros. Por isso, torna-se relevante que a escola realize um trabalho pedagógico que aborde questões sobre família, gênero, corpo e sexualidade.

Discutindo sobre a importância da escola nesse processo de ensino/aprendizagem, realizamos a análise da obra literária “A Bolsa Amarela”, da autora Lygia Bojunga, que pode basear uma abordagem pedagógica com a inclusão da literatura infantojuvenil em sala de aula para discutir sobre família, as relações de gêneros e sexualidade, garantindo vivências positivas com as diferenças, visando uma escola menos favorável a reprodução e perpetuação de preconceitos e violências a respeito da temática aqui tratada.

Essa obra literária é constituída de uma linguagem sutil, acessível e fantasiosa, compondo um enredo que engloba o universo infantil, abordando questões que giram em torno do conceito sobre família, as relações de gênero e sexualidade na infância, possibilitando uma discussão que retrata e aproxima a realidade histórica, social e cultural que muitos viveram e que ainda vivem ao tratar sobre tal temática em abordagem.

A partir do livro “A Bolsa Amarela” apresentamos uma proposta de abordagem pedagógica que viabilize aos professores, através de uma linguagem voltada para a criança, a desmistificação das concepções sócio-historicamente construídas sobre o abordado tema, uma vez que, a narrativa da obra mostra que a protagonista da história (Raquel) enfrenta um conflito em busca de sua identidade enquanto gênero feminino, evidenciando no percurso os obstáculos que são enfrentados para que ela possa compreender quem ela é e quem ela pode ser, respaldando as discussões sobre família, gênero e sexualidade.

Sendo assim, neste trabalho, não deixamos de evidenciar a necessidade dos professores repensarem a forma de produzir, veicular, pensar, dizer, agir e viver a realidade diversa e complexa que envolve os sujeitos da educação. Repensando

também sua maneira de colaborar como profissional da educação na construção de uma sociedade igualitária em todos os níveis das relações humanas.

Assim, frisamos a importância dos educadores pesquisadores, a necessidade de buscarem conhecimento científico sobre a referida demanda, pois o processo de ensino aprendizagem é muito complexo e requer um preparo prévio do profissional da educação, e acima de tudo não deixar de reconhecer o seu papel como cidadão que leva a uma sociedade a sua contribuição, discutindo assim sua função social no tratamento pedagógico de questões de gênero e diversidade sexual. Mas há uma colaboração essencial para a escola realizar a determinada abordagem em sala de aula: o apoio da família nessa discussão.

A família por muitas vezes, silencia o debate sobre gênero e sexualidade dentro de casa, e por muitas vezes quer silenciar a escola também, por isso se torna necessário a colaboração da família com o trabalho da escola, especificamente em relação a essa temática que ainda é tão delicada de se trabalhar com os alunos.

Por fim, evidenciamos a necessidade de que a escola e a família devem alcançar um diálogo sincero, que envolva a participação de ambos de maneira cooperativa, contemplando e mostrando que a diferença e o respeito ao outro é transformador para o ponto de vista subjetivo e para a coletividade.

REFERÊNCIAS

- NUNES, Lygia Bojunga. **A Bolsa Amarela**. Ilustrações Marie Louise Nery. 34. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FURLANI, Jimenta. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- GOELLNER, Silvana Vilodre; NECKEL, Jane Felipe; LOURO, Guacira Lopes (organizadoras). **Gênero, corpo e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- LOURO, G. L. **Sexualidade: lições da escola**. In: Meyer, D. E. E. (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 85-96. (Cadernos Educação Básica, 4).
- _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NOGUEIRA, Daniela Macias. **Gênero e sexualidade na educação**. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 1999.
- SOUZA, J. F. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil**. 2005. Acessado em 4/11/2017, de <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/SOUZA.pdf>.